

O MUNDO NÓRDICO ANTIGO DE *CASTALIA BÁRBARA*, DE RICARDO
JAIMES FREYRE

THE ANCIENT NORDIC WORLD OF *CASTALIA BÁRBARA*, BY RICARDO
JAIMES FREYRE

Adolfo F. Licoa Campos¹, Jocelina Borges Tavares M.²

Resumo: Este trabalho propõe uma tradução para o português de *Castalia Bárbara* (1899), obra-prima do poeta boliviano Ricardo Jaimes Freyre, figura-chave do Modernismo hispano-americano. Inspirado na mitologia nórdica, Jaimes Freyre constrói, nesta coletânea, um universo poético singular, no qual paisagens, símbolos e mitos escandinavos – de deuses enigmáticos a heróis trágicos – servem para imprimir o exotismo e a estética modernistas. Para tanto, realizamos uma tradução o mais fiel possível ao original em espanhol, sem descuidar da fluência em português. Complementando a tradução, inclui-se uma análise focada nos elementos temáticos que conferem à obra sua originalidade e essência, tornando esta coletânea inédita no contexto sul-americano do final do século XIX.

Palavras chave: Ricardo Jaimes Freyre, *Castalia bárbara*, Mitologia Nórdica, Modernismo.

Abstract: This paper presents a translation into Portuguese of *Castalia Bárbara* (1899), the masterpiece of Bolivian poet Ricardo Jaimes Freyre, a key figure in Hispano-American Modernism. Drawing on Norse mythology, Jaimes Freyre constructs in this collection a singular poetic universe in which Scandinavian landscapes, symbols, and myths – from enigmatic gods to tragic heroes – serve to convey the exoticism and modernist aesthetic. To this end, we have produced a translation as faithful as possible to the original, without sacrificing fluency in Portuguese. Complementing the translation is an analysis focusing on the thematic elements that give the work its originality and essence, making this collection unprecedented in the late-nineteenth-century South American context.

Keywords: Ricardo Jaimes Freyre, *Castalia bárbara*, Norse Mythology, Modernism.

¹ Professor de língua e literatura na Universidade Técnica de Manabí (UTM), Equador. Doutor em Literatura Comparada e Estudos Interculturais (2024) e mestre em Língua e Literatura Inglesas (2020) pela Universidade de Estudos Internacionais de Xangai. E-mail: f2712955@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0004-3044-876X>.

² Pós-graduação em Educação pela University of Saint Joseph de Macau (em andamento); licenciada em Educação Internacional Chinesa pela Universidade Politécnica de Macau (2024); licenciada em Sociologia Organizacional (2007). E-mail: jocelinab99@gmail.com. Orcid: <https://orcid.org/0009-0006-7757-6632>.

Introdução

Ricardo Jaimes Freyre (1868-1933) foi um poeta, diplomata, historiador e ensaísta boliviano, integrante do Modernismo—movimento que transformou a poesia na América Hispânica no final do século XIX e início do século XX. Embora nascido em Tacna (Peru), ele identificou-se sempre com a Bolívia, terra de suas raízes familiares, e com a Argentina, país onde consolidou sua trajetória intelectual e artística.

Ao emigrar para a Argentina, no fim do século XIX, Jaimes Freyre integrou-se aos círculos literários e culturais de Buenos Aires, absorvendo as ideias modernistas em voga que defendiam uma renovação poética inspirada no simbolismo francês, na musicalidade dos versos e na exaltação do exótico. Além da produção literária, dedicou-se ao jornalismo, colaborando com o prestigiado *La Nación*, e, em 1904, cofundou a *Revista de Letras y Ciencias Sociales*. Paralelamente, exerceu funções diplomáticas e políticas, servindo como ministro e deputado na Bolívia, e representado seu país em nações como Brasil, México, Chile e Estados Unidos.

Reconhecido como o primeiro poeta boliviano de projeção internacional, Jaimes Freyre legou uma obra vasta e multifacetada, abrangendo poesia, contos, peças teatrais, ensaios históricos e estudos sobre versificação em castelhano, todos reveladores de seu eruditismo e criatividade. Entre seus trabalhos mais emblemáticos estão *Castalia bárbara* e *La hija de Jephthé. Drama en dos actos en prosa* (1899), *Tucumán en 1810* (1907), *La lectura correcta y expresiva: pronunciación, silabeo, acentuación, entonación e inflexiones de la voz, pausas, respiración, lectura de versos, consejos a los maestros* (1910), *Historia de la República de Tucumán* (1911), *Leyes de la versificación castellana* (1912), *El Tucumán del siglo XVI: bajo el gobierno de Juan Ramírez de Velasco* (1914), *El Tucumán colonial* (1915), *Historia del descubrimiento de Tucumán* (1916), *Los sueños son vida* (1917), *Los conquistadores. Drama histórico en tres actos y en verso* (1918) e *Poesías completas* (1944) (Monguió, 1944, pp. 126-127).

A marca do Modernismo na sua obra é particularmente evidente em *Castalia bárbara* (1899), seu livro mais conhecido, no qual combina simbolismo e lirismo para evocar o arcano e o mítico. Ao contrário da poesia mais ornamentada de Rubén Darío, a poesia de Jaimes Freyre explora temas como a fatalidade, o mistério, a imortalidade e o heroísmo como elementos estruturais, transcendendo assim as fronteiras geográficas para criar um universo que mistura culturas e paisagens diversas. Nesse contexto, *Castalia bárbara* destaca-se pela

recriação do mundo nórdico medieval, evocando deuses, mitos e símbolos escandinavos com notável vigor poético.

A gênese de *Castalia bárbara* está vinculada a um mosaico de influências: a poesia de Rubén Darío; as traduções francesas das *Eddas*, por Rosalie du Puget (Carilla, 1962, p. 7); as óperas de Richard Wagner; e, principalmente, *Poèmes Barbares* (1872), de Leconte de Lisle (Rocha, 2017, p. 5). Como fontes complementares, Emilio Carilla destaca ainda os *Poèmes islandais* (tradução de F. G. Bergmann, 1838), os *Chants populaires du Nord* (em versão de X. Marmier, 1842), os *Trois chants de L'Edda* (traduzidos por W. E. Frye, 1844), *La Fascination de Gulfi* (tradução de F. G. Bergmann, 1861), *La Saga des Nibelungen dans les Eddas et dans le nord scandinave* (de Emile de Laveleye, 1866), *Mythologie nordique* (de Rasmus B. Anderson, traduzida por J. Leclercq, 1886) e *La Saga de Nial* (tradução de R. Daresto, 1896) (Carilla, 1962, pp. 7-8; OCAMPO, 1968, p. 46).

Para além de sua notável beleza estética, *Castalia Bárbara* desempenhou um papel crucial na difusão e popularização da mitologia escandinava na América do Sul, influenciando grandes expoentes da literatura local, entre eles o argentino Jorge Luis Borges. No caso de Borges, não apenas por ter sido precedido cronologicamente pelo bardo boliviano, mas porque – como veremos a seguir – é evidente que ele conhecia seus poemas, em especial os de *Castalia Bárbara*. Nesse sentido, Gary Daher, em seu artigo “Jaimes Freyre: Água Poética para Borges” (2024), argumenta que Borges “quedó fuertemente conmovido por el libro *Castalia Bárbara* de Ricardo Jaimes Freyre. Pues, los poemas que constituyen parte fundamental de ese trabajo tuvieron la originalidad de ser los primeros poemas escritos en castellano donde se desgrana la mitología escandinava” (par. 4), um mundo tão querido pelo escritor argentino, principalmente se levarmos em conta que ele gostava de recitar o poema de abertura do livro.

Embora Borges tenha afirmado ter descoberto o universo escandinavo por meio da literatura anglo-saxônica, é plausível, conforme argumenta Daher (2024), que esse interesse tenha nascido “al menos en semilla, con la lectura de *Castalia Bárbara*, y su hermosa ventana a la mitología escandinava” (par. 6). Essa influência torna-se explícita no prólogo de *Seis Poemas Escandinavos* (1966), no qual o próprio Borges reconhece: “No soy, por lo demás, el primer intruso de lengua hispana que ha explorado esas latitudes. Nadie puede olvidar la *Castalia Bárbara*, de Jaimes Freyre” (Daher, 2024, par. 6). Além disso, numa entrevista, ao ser questionado sobre o impacto do poeta boliviano em sua obra, Borges admitiu: “Quizás

muchas de mis primeras experiencias poéticas tienen influencias de Jaimes Freyre; era un preciosista... No me cabe duda de que en mi libro *Fervor de Buenos Aires* hay versos con notable influencia de Jaimes Freyre y Lugones” (Daher, 2024, par. 13). Essas declarações constituem um claro indício da presença de Jaimes Freyre na construção do imaginário nórdico borgiano.

Em suma, Jaimes Freyre foi um inovador que elevou a estética modernista a outro nível. Sua poesia influenciou gerações posteriores de escritores que buscaram no modernismo não apenas um refinamento estético, mas uma nova forma de explorar o mundo.

Tradução³

| El Camino de los Cisnes | O Caminho dos Cisnes |
|--|---|
| Crespas olas adheridas a las crines De los ásperos corceles de los vientos; Alumbradas por rojizos resplandores, Cuando en yunque de montañas su martillo bate el trueno. | Ondas encaracoladas presas às crinas Dos ásperos corcéis dos ventos, Iluminadas por rubros brilhos, Quando o martelo do trovão bate na bigorna das montanhas. |
| Crespas olas que las nubes oscurecen Con sus cuerpos desgarrados y sangrientos, Que se esfuman lentamente en los crepúsculos, Turbios ojos de la Noche, circundados de Misterio. | Ondas encaracoladas que as nuvens escurecem Com seus corpos dilacerados e ensanguentados, Que lentamente se esvaem no crepúsculo, Olhos turvos da noite, envoltos em mistério. |
| Crespas olas que cobijan los amores De los monstruos espantables en su seno, Cuando entona la gran voz de las borrascas Su salvaje epitalamio como un himno gigantesco. | Ondas encaracoladas que abrigam em seu seio Os amores dos monstros terríveis, Quando a grande voz das tempestades canta Seu epitalâmio selvagem como um hino gigantesco. |
| Crespas olas que se arrojan a las playas Coronadas por enormes ventisqueros, Donde turban con sollozos convulsivos | Ondas encaracoladas nítidas que se arremessam às praias Coroadas por ventisqueiros imensos, |

³ Para a análise realizada nesta seção, foi utilizada a versão dos poemas de *Castalia Bárbara* presentes em *Poesías Completas* (1957), publicada pelo Ministério da Educação e Belas Artes da Bolívia.



| | |
|---|--|
| <p>El silencio indiferente de la noche de los hielos.</p> <p>Crespas olas que la quilla despedaza Bajo el rayo de los ojos del guerrero, Que ilumina las entrañas palpitantes Del Camino de los Cisnes para el Rey del Mar abierto.</p> | <p>E com soluços convulsivos turvam O silêncio indiferente da noite dos gelos.</p> <p>Ondas encaracoladas, cuja quilha se esfarela Sob o raio dos olhos do guerreiro, Que ilumina as entranhas pulsantes Do caminho dos cisnes para o Rei do mar aberto.</p> |
| <p>El canto del Mal</p> | <p>O canto do Mal</p> |
| <p>Canta Lok⁴ en la obscura región desolada, Y hay vapores de sangre en el canto de Lok.</p> <p>El Pastor apacienta su enorme rebaño de hielo, Que obedece – gigantes que tiemblan – la voz del Pastor.</p> <p>Canta Lok a los vientos helados que pasan, Y hay vapores de sangre en el canto de Lok.</p> <p>Densa bruma se cierne. Las olas se rompen En las rocas abruptas, con sordo fragor. En su dorso sombrío se mece la barca salvaje Del guerrero de rojos cabellos, huraño y feroz.</p> <p>Canta Lok a las olas rugientes que pasan, E hay vapores de sangre en el canto de Lok.</p> <p>Cuando el himno del hierro se eleva al espacio Y a sus ecos responde siniestro clamor, Y en el foso, sagrado y profundo, la víctima busca, Con sus rígidos brazos tendidos, la sombra del Dios, Canta Lok a la pálida Muerte que pasa</p> | <p>Canta Lok na região sombria e desolada, E há vapores de sangue em seu canto.</p> <p>O Pastor guia seu enorme rebanho de gelo, Gigantes que tremem ao ouvir sua voz.</p> <p>Canta Lok aos ventos gélidos que passam, E há vapores de sangue em seu canto.</p> <p>Densa névoa se ergue. As ondas se estilhaçam Nas rochas íngremes, com um rugido surdo.</p> <p>No dorso sombrio balança a barca selvagem Do ruivo guerreiro, taciturno e feroz.</p> <p>Canta Lok às ondas que passam, E há vapores de sangue em seu canto.</p> <p>Quando o hino do ferro sobe ao espaço E aos seus ecos responde um sinistro clamor, E na cova sagrada e profunda, a vítima procura, Com os braços rígidos estendidos, a sombra de Deus,</p> |

⁴ Influenciado pelo modernismo, Jaimes Freyre provavelmente optou pelas grafias originais que encontrou em *Poèmes Barbares*, de Leconte de Lisle, e nas leituras sobre a estética wagneriana, justamente para realçar o caráter exótico de seus versos. Por isso, ele usa “Walhalla” e “Lok” em vez dos equivalentes espanhóis “Valhalla” e “Loki”.



| | |
|---|---|
| <p>Y hay vapores de sangre en el canto de Lok.</p> | <p>Canta Lok à pálida Morte que passa, E há vapores de sangue em seu canto.</p> |
| <p>Los héroes</p> | <p>Os heróis</p> |
| <p>Por sanguinario ardor estremecido, Hundiendo en su corcel el acicate, Lanza el Bárbaro en medio del combate Su pavoroso y lúgubre alarido.</p> <p>Semidesnudo, sudoroso, herido, De intenso gozo su cerebro late, Y con su escudo al enemigo abate, Ya del espanto y del dolor vencido.</p> <p>Surge de pronto claridad extraña, Y el horizonte tenebroso baña Un mar de fuego de purpúreas ondas, Y se destacan, entre lampos rojos, Los anchos pechos, los sangrientos ojos Y las hirsutas cabelleras blondas.</p> | <p>Sacudido por ardor sanguíneo, Afundando o esporão em seu corcel, Lança o Bárbaro em meio do combate Seu grito terrível e lúgubre.</p> <p>Meio nu, suado, ferido, Seu cérebro pulsa de gozo intenso, E com o escudo abate o inimigo, Já vencido pelo terror e pela dor.</p> <p>Surge, então, estranha claridade, E o horizonte sombrio cobre Num mar de fogo de ondas roxas, Revelando, entre brilhos escarlates, os peitos largos, os olhos sangrentos E os hirsutos cabelos loiros.</p> |
| <p>La muerte del héroe</p> | <p>A morte do herói</p> |
| <p>Aun se estremece y se yergue y amenaza con su espada, Cubre el pecho destrozado su rojo y mellado escudo, Hunde en la sombra infinita su mirada Y en sus labios expirantes cesa el canto heroico y rudo.</p> <p>Los dos Cuervos silenciosos ven de lejos su agonía Y al guerrero las sombrías alas tienden, Y la noche de sus alas, a los ojos del guerrero, resplandece como el día, Y hacia el pálido horizonte reposado vuelo emprenden.</p> | <p>Ele ainda se ergue, tremendo e ameaçando com sua espada, Seu escudo fragmentado, cobre o peito dilacerado, Seu olhar afunda na sombra infinita E em seus lábios expirantes, o canto heróico e áspero cessa.</p> <p>De longe, os dois corvos silenciosos observam sua agonia, E suas asas escuras oferecem para o guerreiro, E a noite de suas asas, aos olhos do guerreiro, brilha como o dia, E rumo ao horizonte pálido, em voo sereno, eles se elevam.</p> |
| <p>La noche</p> | <p>A noite</p> |



| | |
|---|---|
| <p>Agitados por el viento se mecen las negras ramas; El tronco, lleno de grietas, al rudo empuje vacila, Y entre el musgo donde vagan los rumores de la noche Rompen la tierra y se asoman las raíces de la encina.</p> <p>Van las nubes por el cielo. Son Endriagos y Quimeras Y enigmáticas Esfinges de la fiebre compañeras, Y Unicornios espantables y Dragones, que persigue La compacta muchedumbre de las venenosas Hidras; Y sus miembros desgarrados en las luchas silenciosas Ocultan con velo denso la faz de la luna lívida.</p> <p>Saltan sombras de las grietas del viejo tronco desnudo, Y hacía la selva en fantástica carrera se precipitan, Sobre el musgo donde vagan los rumores de la noche Y amenazantes se yerguen las raíces de la encina.</p> <p>Extraños seres que visten singulares vestiduras, Y abandonan sus heladas, misteriosas sepulturas, En el sueño pavoroso de una noche que no acaba... Mientras luchan en el cielo los Dragones y la Hidras, Y sus miembros desgarrados en los choques silenciosos, Ocultan con velo denso la faz de la luna lívida.</p> | <p>Agitados pelo vento, os galhos negros balançam; O tronco, cheio de rachaduras, hesita sob o empurrão brusco, E entre o musgo, onde vagam os rumores da noite, As raízes do carvalho rompem a terra e emergem ameaçadoras.</p> <p>As nuvens atravessam o céu. São endriagos e quimeras E esfinges enigmáticas, companheiras da fiebre, E Unicórnios assustados e dragões, Perseguidos pela multidão compacta de hidras venenosas, E seus membros dilacerados ocultam, em lutas silenciosas, O rosto lívido da lua sob véu denso.</p> <p>Sombras saltam das fendas do velho tronco nu, E correm, numa fuga fantástica, em direção à selva, Sobre o musgo onde vagam os rumores da noite E as raízes do carvalho se erguem ameaçadoras.</p> <p>Seres estranhos, em vestes singulares, Deixam suas misteriosas e geladas sepulturas, No sonho aterrador de uma noite sem fim... Enquanto dragões e hidras lutam no céu, E seus membros dilacerados, em confrontos silenciosos, Escondem com um véu denso a face da lua lívida.</p> |
| <p>Los Elfos</p> | <p>Os Elfos</p> |
| <p>Envuelta en sangre y polvo la jabalina, En el tronco clavada de añosa encina,</p> | <p>O dardo envolto em sangue e poeira, Cravado no tronco de um antigo carvalho,</p> |



| | |
|---|---|
| <p>A los vientos que pasan cede y se inclina, Envuelta en sangre y polvo la jabalina.</p> <p>Los Elfos de la obscura selva vecina Buscan la venerable, sagrada encina. Y juegan. Y a su peso cede y se inclina Envuelta en sangre y polvo la jabalina.</p> <p>Con murmullos y gritos y carcajadas, Llena la alegre tropa las enramadas; Y hay rumores de flores y hojas holladas, Y murmullos y gritos y carcajadas. Se ocultan en los árboles sombras calladas, En un rayo de luna pasan las hadas: Llena la alegre tropa las enramadas Y hay rumores de flores y hojas holladas.</p> <p>En las aguas tranquilas de la laguna, Más que en el vasto cielo, brilla la luna; Allí duermen los albos cisnes de Iduna, En la margen tranquila de la laguna. Cesa ya la fantástica ronda importuna, Su lumbre melancólica vierte la luna, Y los Elfos se acercan a la laguna Y a los albos, dormidos cisnes de Iduna.</p> <p>Se agrupan silenciosos en el sendero, Lanza la jabalina brazo certero; De los dormidos cisnes hiere al primero, Y los Elfos lo espían desde el sendero. Para oír el divino canto postrero Blandieron el venablo del caballero, Y escuchan, agrupados en el sendero, El moribundo, alado canto postrero.</p> | <p>Aos ventos que sopram cede e se curva, O dardo envolto em sangue e poeira.</p> <p>Os Elfos da escura floresta vizinha Procuram o venerável e sagrado carvalho. Eles brincam, e sob seu peso cede O dardo envolto em sangue e poeira.</p> <p>Com murmúrios, gritos e risadas, A alegre tropa enche as ramadas; E há ecos de flores e folhas pisoteadas, E murmúrios, gritos e risadas. Se ocultam nas árvores as sombras caladas, Num raio de lua, passam as fadas: A alegre tropa enche as ramadas E há rumores de flores e folhas pisoteadas.</p> <p>Nas calmas águas da lagoa, Mais que no céu vasto, brilha a lua; Ali dormem os cisnes brancos de Iduna, À margem tranquila da lagoa. A fantástica rodada importuna agora cessa, A lua derrama sua luz melancólica, E os Elfos aproximam-se da lagoa, E aos brancos e adormecidos cisnes de Iduna.</p> <p>Juntam-se silenciosamente na trilha, Lança o dardo um braço certo; Dos cisnes adormecidos fere o primeiro, E os Elfos o observam da trilha. Para ouvir o canto derradeiro, Brandem a lança do cavaleiro E escutam, reunidos na trilha, O moribundo canto derradeiro.</p> |
| <p>Las Hadas</p> | <p>As Fadas</p> |
| <p>Con sus rubias cabelleras luminosas, En la sombra se aproximan. Son las Hadas. A su paso los abetos de la selva,</p> | <p>Com seus cabelos loiros luminosos, Elas se aproximam nas sombras. São as fadas.</p> |



| | |
|---|--|
| <p>Como ofrenda tienden las crujientes ramas. Con sus rubias cabelleras luminosas Se acercan las Hadas.</p> <p>Bajo un árbol, en la orilla del pantano, Yace el cuerpo de la virgen. Su faz blanca, como un lirio de la selva; Dormida en sus labios la postrera plegaria. Con sus rubias cabelleras luminosas Se acercan las Hadas.</p> <p>A lo lejos, por los claros de los bosques, Pasa huyendo tenebrosa cabalgata, Y hay ardientes resoplidos de jaurías Y sonidos broncos de trompas de caza. Con sus rubias cabelleras luminosas Se acercan las Hadas.</p> <p>Bajo el árbol, en la orilla del pantano, Sobre el cuerpo de la virgen inclinadas, Posan, suaves como flores que se besan, Sus labios purpúreos en la frente blanca. Y en los ojos apagados de la muerta Brilla la mirada.</p> <p>Con sus rubias cabelleras luminosas Se alejan las Hadas. A su paso los abetos de la selva, Como ofrenda tienden las crujientes ramas. Con su rubia cabellera luminosa Va la virgen blanca.</p> | <p>No caminho, os abetos da floresta como oferenda, seus crocantes galhos estendem. Com seus cabelos loiros luminosos, Vêm chegando as fadas.</p> <p>Debaixo de uma árvore, à beira do pântano, Jaz o corpo da virgem. Seu rosto branco, Branco quanto um lírio da selva; Adormecida nos lábios a última oração. Com seus cabelos loiros luminosos, Vêm chegando as fadas.</p> <p>Ao longe, pelas clareiras da floresta, Uma cavalgada sombria fugindo passa, E há bufos ardentes de cães furiosos E sons ásperos das trompas de caça. Com seus cabelos loiros luminosos, Vêm chegando as fadas.</p> <p>Debaixo da árvore, à beira do pântano, Inclinadas sobre o corpo da virgem, Posam, suaves como flores que se beijam, Seus roxos lábios na testa branca. E nos olhos opacos da morta, brilha um último olhar.</p> <p>Com seus cabelos loiros luminosos As fadas partem. No caminho, os abetos da floresta Como oferenda, seus crocantes galhos estendem. Com seus cabelos loiros luminosos, Vai a branca virgem.</p> |
| <p>El Alba</p> | <p>O Amanhecer</p> |
| <p>Las auroras pálidas, Que nacen entre penumbras misteriosas, Y enredados en las orlas de sus mantos Llevan jirones de sombra, Iluminan las montañas, Las crestas de las montañas, rojas; Bañan las torres erguidas, Que saludan sus aparición silenciosa, Con la voz de sus campanas</p> | <p>As auroras pálidas, nascidas em penumbras misteriosas, E enredadas nas bainhas de seus mantos, Levam farrapos de sombra, Iluminan as montanhas, Os cumes das montanhas, encarnadas; Banham as torres eretas,</p> |



| | |
|---|--|
| <p>Soñolienta y ronca; Ríen en las calles Dormidas de la ciudad populosa, Y se esparcen en los campos Donde el invierno respeta las amarillentas hojas. Tienen perfumes de Oriente Las auroras; Los recogieron al paso, de las florestas ocultas De una extraña Flora. Tienen ritmos Y músicas armoniosas, Porque oyeron los gorjeos y los trinos de las aves exóticas.</p> <p>Su luz fría, Que conserva los jirones de la sombra, Enredóse, vacilante, de los lotos En las anchas hojas. Chispoteó en las aguas dormidas, Las aguas del viejo Ganges, dormidas y silenciosas; Y las tribus de los árabes desiertos, Saludaron con plegarias a las pálidas auroras.</p> <p>Los rostros de los errantes beduínos Se bañaron con arenas ardorosas, Y murmuraron las suras del Profeta Voces roncadas.</p> <p>Tendieron las suaves alas Sobre los mares de Jonia, Y vieron surgir a Venus De las suspirantes olas. En las cimas, Donde las nieblas eternas sobre las nieves se posan Vieron monstruos espantables Entre las rocas, Y las crines de los búfalos que huían Por la selva tenebrosa. Reflejan en la espada Simbólica, Que a la sombra de una encina</p> | <p>Que saúdam sua aparição silenciosa, Com a voz dos seus sinos Sonolenta e rouca; Riem nas ruas Dormidas da cidade populosa, E se espalham pelos campos Onde o inverno respeita as amareladas folhas. Têm perfumes do Oriente As auroras; Os pegaram no caminho, das selvas ocultas De flora estranha. Têm ritmos E músicas harmoniosas, Porque ouviram o chilrear e o trinado dos pássaros exóticos.</p> <p>Sua luz fria, Que preserva os farrapos da sombra, Enroscou-se, oscilando, nos lótuos Nas largas folhas. Brilhava nas águas adormecidas, Águas do velho Ganges, adormecidas e silenciosas; E as tribus dos árabes do deserto, Saudaram com orações às pálidas auroras.</p> <p>Os rostos dos beduínos errantes Se banharam em areias escaldantes, E vozes roucas Murmuraram as suras do Profeta.</p> <p>Abriram suas asas macias Sobre os mares da Jônia, E viram Vênus nascer Das ondas suspirantes. Nos picos, Onde névoas eternas se pousam nas neves Viram monstros aterrorizantes Entre as rochas, E as crinas dos búfalos em fuga Através da selva escura. Refletem na espada</p> |
|---|--|



| | |
|---|---|
| <p>Yacía, olvidada y polvorosa.</p> <p>Hay ensueños, Hay ensueños en las pálidas auroras... Hay ensueños, Que se envuelven en sus jirones de sombra... Sorprenden los amorosos Secretos de las nupcias alcobas, Y ponen pálidos tintes en los labios Donde el beso dejó huellas voluptuosas...</p> <p>Y el Sol eleva su disco fulgurante Sobre la tierra, los aires y las suspirantes olas.</p> | <p>Simbólica, Que na sombra de um carvalho Jazia, esquecida e empoeirada.</p> <p>Há devaneios, Há devaneios nas pálidas auroras... Há devaneios, Que se envolvem em seus farrapos de sombra... Sorprendem os amorosos Segredos dos quartos de casamento, E põem tons claros nos lábios Onde o beijo deixou vestígios voluptuosos...</p> <p>E o Sol levanta seu disco deslumbrante Sobre a terra, o ar e as ondas suspirantes.</p> |
| La Espada | A Espada |
| <p>La rota, sangrienta espada del soldado, Cuando el Corcel luminoso con su roja crin la baña, Cubierta de polvo yace, como un ídolo humillado, Como un viejo Dios, hundido en la montaña.</p> | <p>A espada quebrada e ensangrentada do soldado, Banhada pelo corcel luminoso de rubra crina, Jaz coberta de poeira, como um ídolo humilhado, Como um Deus antigo, afundado na montanha.</p> |
| El Walhalla | O Walhalla |
| <p>Vibra el himno rojo. Chocan los escudos y las lanzas Con largo fragor siniestro. De las heridas sangrientas por la abierta boca brotan Ríos purpúreos. Hay besos y risas. Y un cráneo lleno De hidromiel, en donde apagan, Abrasados por la fiebre, su sed los guerreros muertos.</p> | <p>O rubro hino vibra. Escudos e lanças chocam Emitindo um rugido longo e sinistro. Das feridas sangrentas, brotam rios roxos Através da boca aberta. Há beijos e risadas. E um crânio cheio De hidromel, onde, queimados pela febre, os guerreiros mortos apagam sua sede.</p> |
| El Himno | O Hino |
| <p>Bebe ¡oh Dios! Entre los bosques, al través de la espesura, Los feroces jabalíes han huido,</p> | <p>Bebe, ó Deus! Entre as florestas, pelos matagais, Os ferozes javalis já fugiram,</p> |



| | |
|--|---|
| <p>Y en mitad de su carrera puso término a su insólita pavora, Rayo ardiente y luminoso de mi aljaba desprendido.</p> <p>Bebe ¡oh Dios! Para tu copa dieron mieles las abejas De los huertos del Palacio blanco y oro; Ya del Lobo y la Serpiente la medrosa vista alejas Y vierte la lengua de Orga su sacro raudal sonoro.</p> <p>Quando tu aliento se cierne sobre el campo de batalla, Ríe el guerrero a la Muerte que le acecha; Si en el espacio infinito, con el trueno, tu potente voz estalla, ¡Se hunde en el cuello la lanza y en el corazón la flecha!</p> | <p>E no meio de sua corrida, o raio ardente e luminoso Liberado da minha aljava, cessou seu medo incomum.</p> <p>Bebe, ó Deus! As abelhas deram mel ao teu cálice Dos pomares do palácio branco e ouro; Já do lobo e da serpente afastas o temeroso olhar, E a língua de Orga verte sua torrente sagrada de som.</p> <p>Quando teu sopro paira sobre o campo de batalha, O guerreiro ri da morte que o persegue; Se, no espaço infinito, tua poderosa voz explode com o trovão, A lança crava-se no pescoço e a flecha perfura o coração!</p> |
| Los Cuervos | Os Corvos |
| <p>Sobre el himno del combate y el clamor de los guerreros, Pasa un lento batir de alas; se oye un lúgubre graznido, Y penetran los dos Cuervos, los divinos, tenebrosos mensajeros, Y se posan en los hombros del Dios y hablan a su oído.</p> | <p>Sobre o hino do combate e o clamor dos guerreiros, Passa um lento bater de asas; escuta-se um grasnar sombrio E chegam os dois corvos, escuros e divinos mensageiros, E pousam-se nos ombros do Deus e sussurram-lhe ao ouvido.</p> |
| Aeternum vale | Aeternum vale |
| <p>Un Dios misterioso y extraño visita la selva. Es un Dios silencioso que tiene los brazos abiertos. Quando la hija de Nhor⁵ espoleaba su negro caballo, Le vió erguirse, de pronto, a la sombra de un añoso fresno. Y sintió que se helaba su sangre Ante el Dios silencioso que tiene los brazos abiertos.</p> | <p>Um Deus misterioso e estranho visita a floresta. É um Deus silencioso de braços abertos. Quando a filha de Nhor esporeou seu preto cavalo, O viu erguer-se, súbito, à sombra de um freixo velho. E sentiu o sangue gelar Diante do Deus silencioso de braços abertos.</p> |

⁵ Nhor refere-se ao deus Vanir *Njörðr*.



De la fuente de Imér, en los bordes sagrados, más tarde,
 La Noche a los Dioses absortes reveló el secreto;
 El Águila negra y los Cuervos de Odín escuchaban,
 Y los Cisnes que esperan la hora del canto postrero;
 Y a los Dioses mordía el espanto
 De ese Dios silencioso que tiene los brazos abiertos.

En la selva agitada se oían extrañas salmodias.
 Mecía la encina y el cauce quejumbroso viento;
 El bisonte y el alce rompían las ramas espesas,
 Y a través de las ramas espesas huían mugiendo.
 En la lengua sagrada de Orga
 Despertaban del canto divino los divinos versos.

Thor, el rudo, terrible guerrero que blande la maza
 –En sus manos es arma la negra montaña del hierro –
 Va a aplastar, en la selva, a la sombra del árbol sagrado⁶,
 A ese Dios silencioso que tiene los brazos abiertos.
 Y los dioses contemplan la maza rugiente,
 Que gira en los aires y nubla la lumbre del cielo.

 Ya en la selva sagrada no se oyen las viejas salmodias,
 Ni la voz amorosa de Freya cantando a lo lejos;
 Agonizan los Dioses que pueblan la selva sagrada,

Mais tarde, na fonte sagrada de Imér, A Noite revelou o segredo aos Deuses absortes;
 A águia negra e os corvos de Odin ouviram,
 Assim como os cisnes que aguardam a hora do canto derradeiro.
 E o medo daquele Deus silencioso de braços abertos
 Mordeu aos deuses.

Na floresta agitada, ecoavam salmodias estranhas.
 O vento lamuriante sacudia o carvalho e o leito do rio;
 O bisão e o alce romperam os galhos densos,
 Fugindo e mugindo através da mata.
 Na língua sagrada de Orga,
 Despertavam os versos divinos da canção sublime.

Thor, o rude e terrível guerreiro que empunha a maza
 –Nas suas mãos, a montanha negra se torna arma –,
 Vai esmagar, na floresta, sob a sombra da árvore sagrada,
 Aquele Deus silencioso de braços abertos.
 E os deuses contemplan a maza que rugir, girar no ar e obscurecer o céu.

.....

 Já não se ouvem as antigas salmodias na floresta sagrada,
 Nem a voz amorosa de Freya cantando ao longe;
 Os deuses que moram na floresta sagrada agonizam,
 E na língua de Orga os versos divinos se extinguem.
 Só resta, erguido sob uma árvore,
 O Deus silencioso de braços abertos.

⁶ Yggdrasil.



| | |
|--|--|
| <p>Y en la lengua de Orga se extinguen los divinos versos.</p> | |
|--|--|

| | |
|--|--|
| <p>Solo, erguido a la sombra de un árbol, Hay un Dios silenciosos que tiene los brazos abiertos.</p> | |
|--|--|

Análise

A obra poética de Ricardo Jaimes Freyre, conforme mencionado na introdução deste trabalho, está profundamente marcada pelo modernismo hispano-americano. Ela explora temas que transcendem o contexto cultural sul-americano, conferindo singularidade e inovação estilística aos seus versos (Ocampo, 1968, p. 36).

Em *Castalia Bárbara*, esse fascínio pelo exótico manifesta-se na mitologia nórdica, pouco conhecida na época. Os poemas sintetizam a sua visão do universo escandinavo: as ondas furiosas dos mares do Norte, as montanhas imponentes, as noites geladas e sombrias, o sangue dos guerreiros em batalhas mortais, seres mitológicos como os Elfos, a serpente de Midgard e o lobo Fenrir, os deuses enigmáticos do panteão nórdico e as florestas habitadas por cisnes, alces e bisões que vagueiam livremente pelos prados.

Todos esses elementos reforçam a sensação de mistério, exotismo e miticidade, permitindo a Jaimes Freyre criar um universo simbólico de heroísmo e destino em consonância com a estética modernista. Assim, exceto no oitavo poema, “O Amanhecer”, os versos de *Castalia Bárbara* formam uma sequência contínua de paisagens e símbolos que nos transportam diretamente ao mundo medieval nórdico.

Começando por “O Caminho dos Cisnes”, uma *kenning* usada pelos skalds nórdicos para designar o mar, Jaimes Freyre captura imagens da paisagem do Norte. As ondas impetuosas, impulsionadas pelos “ásperos corcéis dos ventos”, avançam contra os fiordes num gesto indomável, evocando a rudeza da natureza escandinava e recriando a jornada marítima dos vikings. Esses ventos, ao soprar, entoam um “epitalâmio selvagem como um hino gigantesco” e rompem “o silêncio indiferente da noite dos gelos”, sugerindo uma fusão mística entre natureza e mito. A presença de Thor é anunciada pelos “rubros brilhos / Quando o martelo do trovão bate / na bigorna das montanhas”, metáfora da força do deus do trovão

e de seu papel na cosmovisão nórdica. Este espetáculo é observado por um guerreiro, cujo olhar fixo no mar aberto sugere a busca do desconhecido para atingir seu destino heróico.

Em “O Canto do Mal”, dando continuidade à jornada do guerreiro iniciada em “O Caminho dos Cisnes”, surge Loki, o deus trapaceiro e turbulento, sempre semeando o caos com seus truques e artimanhas – uma presença sombria que encarna a dualidade entre o bem e o mal na mitologia escandinava. Seu canto exala vapores de sangue, revelando sua afinidade com o sinistro e o trágico. O poema também descreve como, entre ventos gelados, ondas revoltas e névoas densas, avança um “ruivo guerreiro, taciturno e feroz”, caracterização que ressalta seu espírito combativo e a conexão com o heroísmo medieval escandinavo. Além disso, a imagem do barco cortando a tempestade reforça não apenas a importância da navegação na cultura escandinava – comprovada por achados arqueológicos e pelas sagas – mas também simboliza a jornada do herói, tema recorrente na literatura mitológica e épica. Nessa lógica, como observa Rocha (2017), a viagem marítima representa “la aventura que lleva a un hombre ordinário a convertirse en extraordinario” (p. 28), e o navio não é apenas um meio de transporte, mas uma metáfora do destino.

Segundo Hedenstierna-Jonson (2006), para entender a sociedade escandinava da Era Viking é necessário considerar a violência e a guerra como características definidoras de sua cultura. Assim, para os antigos escandinavos, a guerra era uma atividade central em suas vidas (Jaramillo, 2014, p. 1), e o prêmio do heroísmo era a morte e a maior glória possível: a entrada em Valhalla (Jaramillo, 2014, p. 13). Em outras palavras, a disposição para o combate e o desprezo pela morte tornavam o guerreiro digno de integrar o exército de Odin. Esse heroísmo e a exaltação da violência permeiam os poemas “Os Heróis” e “A Morte do Herói”. Assim, na obra de Freyre, lutar bravamente é ilustrado por guerreiros que enfrentam seu destino sem medo.

Em “Os Heróis”, dois combatentes duelam com ferocidade. Um deles, ainda ferido, derruba o adversário com o escudo e, apesar da dor, sente o cérebro pulsar “de gozo intenso”. Descrito com peito largo, “olhos sangrentos e cabelos loiros hirsutos”, ele encara a morte não como tragédia, mas como júbilo – pois sabe ter assegurado seu lugar entre os guerreiros de Odin.

Dando continuidade ao poema anterior, “A Morte do Herói” é, mais do que um fim trágico, a passagem para a imortalidade por meio da luta e do sacrifício. No poema, após um

combate mortal em que seu peito é despedaçado, o guerreiro vitorioso, ainda com a espada na mão, “Seu olhar afunda na sombra infinita / E em seus lábios expirantes, o canto heróico e áspero cessa”, pronto para alcançar a glória eterna. No último suspiro da batalha, prestes a se entregar à doce morte, chegam dois corvos – enviados por Odin – que “suas asas escuras oferecem para o guerreiro” no momento em que sua alma abandona o corpo, reivindicando-o para o Valhalla.

O aparecimento dos corvos é altamente simbólico, pois Odin não apenas governa Asgard, mas também decide o destino dos guerreiros caídos. Segundo a mitologia nórdica, era ele quem, por meio das valquírias – que muitas vezes assumiam a forma de corvos ou águias –, escolhia quem morreria em batalha (Bernárdez, 2002, p. 87). De fato, o verbo “matar” era frequentemente substituído por expressões como: “«regalar a Óðinn», «enviar a Óðinn» o «sacrificar a Óðinn»” (Fernández, 2019, p. 216).

Em seguida, “A Noite” nos transporta à vastidão sombria das florestas escandinavas, um cenário imbuído de magia e mistério. O poema sugere que a noite não é apenas um intervalo temporal, mas um reino habitado por seres sobrenaturais. Descreve a típica noite nas matas nórdicas – com seus sons e sua vegetação – como um espaço em que convergem criaturas fantásticas, tanto estrangeiras quanto autóctones do folclore nórdico: o dragão *Níðhöggr*, que habita as raízes de Yggdrasil, alimentando-se delas e atormentando almas durante o Ragnarök; o unicórnio; e “seres estranhos, em vestes singulares”, que “Deixam suas misteriosas e geladas sepulturas”, evidenciando a interação perene entre o mítico e o sobrenatural.

No poema “Os Elfos”, esses seres enigmáticos perseguem os cisnes da deusa Iduna⁷ enquanto nadam em um lago na floresta. Um dos cisnes – que se revela ser a própria Iduna – é mortalmente ferido pelos elfos para que possam ouvir seu último canto. A escolha do cisne como vítima não é aleatória, já que, na mitologia nórdica, essas aves simbolizam pureza e transcendência. Esse ato, além de reforçar a relação dos Elfos com o mágico e o fatídico, destaca também o uso do dardo – arma associada a Odin na mitologia escandinava e, junto com a espada, uma das preferidas de guerreiros e caçadores nórdicos da antiguidade.

⁷ *Idunn*, a deusa que fornece aos deuses as maçãs da juventude.

A cena prossegue no poema “As Fadas” – seres femininos fantásticos presentes em diversas mitologias – que caminham entre os abetos da floresta e se aproximam da margem do pântano para lamentar a agonia de Iduna e despedir-se dela, deitada aos pés de Yggdrasil, a árvore sagrada que sustenta todos os mundos do universo nórdico (Asgard, Midgard, Helheim, Niflheim, Muspellheim, Svartalfheim, Álfheim, Vanaheim e Jötunheim). Após dar o último adeus, elas se retiram em silêncio, envoltas em tristeza. Portanto, este poema reforça a conexão entre os diferentes mundos mitológicos e a transcendência da morte no universo simbólico dos nórdicos medievais.

Visto que a guerra era parte central da cultura e do modo de vida dos nórdicos na Era Viking, as armas eram, naturalmente, muito valorizadas. No poema a seguir, a espada de um guerreiro assume protagonismo. Símbolo do próprio guerreiro, de Odin e do destino dos heróis, ela é comparada a um deus: “Jaz coberta de poeira, como um ídolo humilhado / Como um deus antigo, afundado na montanha”. Essa comparação ressalta a sacralidade da espada no contexto guerreiro da Escandinávia medieval, pois, além de instrumento de combate, a espada tinha função cerimonial e frequentemente era enterrada com seu dono ou utilizada em rituais de consagração.

Em seguida, “Valhalla” descreve o destino glorioso que aguarda os guerreiros caídos com armas nas mãos, desde que, na Escandinávia medieval, “the bravest warriors, the *einherjar*, who died in battle, were rewarded with a stay in Valhalla, the hall of the slain, where Odin ruled” (Kvangraven, 2021, p. 14). Por isso, os guerreiros escandinavos não temiam a morte, pois sabiam que, ao morrer lutando, seriam conduzidos ao Valhalla; e Odin, ciente do destino dos deuses no Ragnarök, recruta continuamente os caídos para reforçar seu exército. No salão dos mortos, enquanto treinam para a guerra final, chocando “escudos e lanças” sob o calor da batalha, os *einherjar* apagam sua sede com hidromel e se alimentam da carne de javali servida pelas valquírias. Essa concepção de Valhalla reflete, como já mencionado, a importância do combate como caminho para a ascensão espiritual e a imortalidade heroica.

Em “O Hino”, Jaimes Freyre faz alusão à caça ao javali, elemento essencial no imaginário mitológico escandinavo (Real Instituto Jovellanos, 2010, p. 169). O poema também menciona Odin e o hidromel que ele bebe e, como, no meio da floresta, surgem o lobo Fenrir e a serpente Jörmungandr, dos quais, Odin, conhecedor do destino dos deuses durante o

Ragnarok, temeroso afasta o olhar. No caso do lobo, é um dos animais mais recorrentes nas histórias do folclore nórdico (Fernández, 2019, p. 215) e simboliza ferocidade e poder destrutivo—qualidades admiradas pelos guerreiros vikings, que frequentemente se identificavam com ele em batalha (Kvangraven, 2021, p. 14). Por outro lado, é mencionada a língua de Orga, que “verte sua torrente sagrada de som”. Segundo Emilio Carilla, a palavra “Orga” (Hörgr) significa lugar de sacrifício, santuário ou floresta sagrada. Levando isso em conta, Jaimes Freyre, possivelmente, se referia à língua usada nos rituais pagãos de sacrifício (Rocha, 2017, p. 61). Essa menção sugere o caráter ritualístico do texto, associando a linguagem poética aos cultos bárbaros e ao destino dos guerreiros. No fim, quando a presença do *Valfather* se faz sentir no campo de batalha, “o guerreiro ri da morte que o persegue”, pois sabe que irá para o Valhalla sem sentir o instante em que “a lança crava-se no pescoço e a flecha perfura o coração!”.

Em “Os Corvos”, Huginn e Muninn — que representam, respectivamente, o pensamento e a memória de Odin — reaparecem voando sobre os campos de batalha para, então, lhe trazer as notícias das mortes dos guerreiros. Segundo a mitologia nórdica, esses corvos partiam todas as manhãs para explorar o mundo e, ao anoitecer, retornavam para relatar a Odin o que haviam observado em seus voos. Sua presença indica, portanto, que Odin vigia os combatentes que, após a morte, serão conduzidos à sua presença, conectando-os ao destino heroico.

Por fim, “Aeternum Vale” simboliza a derrocada do paganismo nórdico diante do cristianismo, o Apocalipse do mundo pagão escandinavo. A chegada de um deus estranho, que assusta Freya, evoca o confronto entre crenças antigas e novas. Por isso, Thor — o poderoso deus guerreiro e defensor da tradição pagã — empunha sua maça com todo o seu poder para enfrentar o invasor. O poema também menciona a fonte de Mímir sob Yggdrasil — onde Odin sacrificou um olho em troca de conhecimento — além da águia e dos corvos de Odin, dos cisnes prontos para cantar, do bisão e do alce, habitantes atávicos das florestas escandinavas, e da já mencionada língua de Orga. No final, “os deuses que moram na floresta sagrada agonizam”, marcando a dissolução do mundo mítico escandinavo diante de uma nova ordem espiritual.

Para concluir, os poemas de *Castalia Bárbara* mostram como Ricardo Jaimes Freyre se apropria da mitologia, das paisagens e dos símbolos nórdicos para forjar um imaginário poético singular, exaltando o destino heroico, a luta contra o inexorável e a relação entre os

elementos naturais e o universo mitológico escandinavo. Essa exploração do mundo nórdico medieval diferencia-o de outros modernistas hispano-americanos e confere à sua poesia uma dimensão transcendental que enriquece sua proposta poética.

Referências Bibliográficas:

Fontes primárias:

- CARILLA, Emilio. *La elaboración de "Castalia Barbara"*. Santa Fe: República Argentina, 1962.
- DAHER, Gary. "Jaimes Freyre: agua poética para Borges". *Sed y Herida*, 30/09/2024. Extraído de: <https://sedyherida.blogspot.com/2024/09/el-gran-aporte-de-la-obra-de-jorge-luis.html>.
- JAIMES FREYRE, Ricardo. *Poesías Completas*. La Paz: Ministerio de Educación y Bellas Artes, 1957. Extraído de: <https://www.andesacd.org/wp-content/uploads/2011/12/Poesías-Completas.pdf>.
- MONTOYA, Víctor. "Ricardo Jaimes Freyre, impulsor del modernismo literario". *Cultura, Rebelión*, 15/04/2009, pp. X-XX. Extraído de: <https://rebellion.org/ricardo-jaimes-freyre-impulsor-del-modernismo-literario/>.
- OCAMPO MOSCOSO, Eduardo. *Personalidad y Obra Poética de Don Ricardo Jaimes Freyre*. Cochabamba: Universidad Mayor de San Simón – Editorial Universitaria, 1968.
- ROCHA BORDA, Dhyana Sita. El viaje iniciático a través de los símbolos: Una lectura de "Castalia Bárbara" desde el monomito. Tesis de grado, Universidad Mayor de San Andrés, La Paz, 2017. Extraído de: https://repositorio.umsa.bo/handle/123456789/6585/browse?rpp=20&sort_by=1&type=title&offset=142&etal=-1&order=ASC.

Fontes secundárias:

- BERNÁRDEZ, Enrique. *Los mitos germánicos*. Madrid: Alianza Editorial, 2002.
- BERNÁRDEZ, Enrique. Borges y el mundo escandinavo. *Cuadernos Hispanoamericanos*, n.º 505-507: 361-370. 1992.
- FERNÁNDEZ MORENO, Sergio. "La espada y el arpa": La cultura germánica medieval en la obra de Jorge Luis Borges. Disertación doctoral, Universidad Autónoma de Madrid, 2019.

Extraído de:
https://repositorio.uam.es/bitstream/handle/10486/689232/fernandez_moreno_serpio.pdf?sequence=1&isAllowed=y.

HEDENSTIERNA-JONSON, Charlotte. *The Birka warrior, the material culture of a martial society*. Estocolmo: Stockholm University, 2006.

JARAMILLO, Nicolás. "El Ethos del Guerrero Escandinavo: Discurso y Representación". Bogotá, 2014. Extraído de: https://www.academia.edu/8713187/Ethos_Vikingos.

KVANGRAVEN, Endre Harvold. *Wolves in a Cultural Landscape* (English sample translation). Res Publica, 2021. Extraído de: <https://norla.no/en/books/1330-wolves-in-a-cultural-landscape>.

MONGUÍO, Luis. "Recordatorio de Ricardo Jaimes Freyre". *Revista Iberoamericana*, 1944, Vol. 8, No. 15, pp. X-XX. <https://doi.org/10.5195/reviberoamer.1944.3144>.

REAL INSTITUTO JOVELLANOS. *Mitología Nórdica*. Asturias: Real Instituto Jovellanos, 2010.